

ANA GABRIELA MACEDO, JOANA PASSOS, ELENA BRUGIONI (ORGS.) PRÉMIOS LITERÁRIOS: O PODER DAS NARRATIVAS, AS NARRATIVAS DO PODER

Porto: Afrontamento, 2016. 212 pp.

Margarida Esteves Pereira*
margarida@ilch.uminho.pt

O livro organizado pela coordenadora do grupo de pesquisa em Género, Artes e Estudos Pós-coloniais, do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Ana Gabriela Macedo, bem assim como por duas outras investigadoras do grupo, Joana Passos e Elena Brugioni, surge na sequência de uma belíssima conferência por elas organizada, em julho de 2015, na Universidade do Minho. Conforme nos é lembrado na Introdução a este volume, que reúne algumas das comunicações feitas no âmbito dessa conferência, esta “foi integrada num projeto intitulado *Prémios Literários. O Poder das Narrativas e/ou as Narrativas do Poder, Prémios Literários, Cânone*

e Políticas Editoriais no universo da Língua portuguesa, sediado no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, com o apoio e a chancela da Fundação Calouste Gulbenkian.” (p. 7).

Numa altura em que a literatura tem vindo a perder o peso simbólico que lhe foi atribuído nos últimos três séculos, questionar o poder das literaturas é uma tarefa com a qual aqueles e aquelas que todos os dias se dedicam ao ensino e à investigação em estudos literários somos muitas vezes confrontados. Gostaria de, por isso, antes de passar à necessária apresentação do livro em questão, fazer uma brevíssima excursão pela questão do poder das narrativas e, se me permitem, o poder da

* Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Braga, Portugal.

literatura. E faço-o, primeiramente, invocando o poema “In Memory of W. B. Yeats”, de W. H. Auden, escrito aquando da morte do poeta irlandês em 1939. Na 2ª parte do poema, Auden dirige-se à figura do poeta, agora morto, referindo que a sobrevivência da sua poesia se deve não às contingências e circunstâncias que a propiciaram, nem necessariamente se deve ao seu engajamento político com a causa irlandesa, mas antes está contida na sua própria forma. Isto é, sobrevive porque é poesia. Diz-nos Auden, dirigindo-se ao poeta irlandês:

You were silly like us; your gift survived it all:
The parish of rich women, physical decay,
Yourself. Mad Ireland hurt you into poetry.
Now Ireland has her madness and her

[weather still,

**For poetry makes nothing happen: it survives
In the valley of its making where executives
Would never want to tamper,** flows on south
From ranches of isolation and the busy griefs,
Raw towns that we believe and die in;

[it survives,

A way of happening, a mouth.

(Auden, 2009, p. 89)

Em *The Singularity of Literature*, Derek Attridge refere-se a esta sobrevivência da poesia no “vale da sua confeção” como a própria singularidade da literatura, referindo a este propósito que esta, “entendida na sua diferença relativamente a outras formas de escrita (e a outras formas de leitura), não

resolve quaisquer problemas nem salva nenhuma alma; no entanto”, insiste o mesmo autor, não deixa de ser “eficaz, mesmo que os seus efeitos não sejam suficientemente previsíveis para servir um programa político ou moral” (2017, p. 5). Enfim, é bem possível que o verdadeiro poder da literatura e a sua singularidade residam, precisamente, na impossibilidade da sua instrumentalização, mas não é por isso que as narrativas da literatura deixam de ser utilizadas tantas e tantas vezes como um instrumento do poder / dos poderes. Isso mesmo é demonstrado pela leitura dos ensaios que compõem este livro.

Evoco, ainda, a este propósito, as palavras de Italo Calvino, o qual nos refere num ensaio intitulado “Usos políticos, certos e errados, da literatura” (um ensaio de 1976), que o poder da literatura se nos apresenta num estranho paradoxo, que é o de se afirmar, precisamente, nos momentos em que a literatura é mais perseguida, isto é, quando se torna um perigo para os poderes instituídos. Fora isso, diz-nos Calvino, as palavras dos escritores são engolidas no oceano de escritos que diariamente nos avassalam e perdem importância. Segundo Italo Calvino:

Este é o paradoxo do poder da literatura: parece que só quando perseguida mostra os seus verdadeiros

poderes, desafiando a autoridade, enquanto na nossa sociedade permissiva sente-se que está a ser utilizada apenas para criar o ocasional contraste agradável à inflada verborreia geral. (Calvino, 1989, p. 96)

Estas e muitas outras questões são discutidas nos vários ensaios que compõem o livro *Prémios Literários: O Poder das Narrativas / as Narrativas do Poder*, nos quais se parte da análise de prémios literários específicos enquanto propiciadores da instituição literária e dos modos como estes prémios se instituem como promotores e disseminadores da palavra e, através desta, das narrativas políticas, económicas, religiosas, ou outras, às quais, em determinadas circunstâncias, os poderes instituídos conferem um determinado valor. Em muitos destes ensaios perceberemos o modo como os prémios literários contribuem para a formação do cânone, como é referido no primeiro capítulo do livro, um texto da professora emérita da Universidade Fluminense, Laura Cavalcanti Padilha, com o título “Da sedução dos prêmios às artimanhas do cânone” (pp. 15-24), o mesmo texto que suscita uma reflexão sobre as línguas hegemónicas e o poder dessas línguas no contexto da literatura-mundo.

Tendo a língua portuguesa como elemento unificador, uma vez

que o projeto no âmbito do qual este livro foi produzido se centra sobre o universo dos prémios de língua portuguesa, facilmente poderemos perceber que muitos ensaios deste livro remetam para os contextos dos mais famosos prémios literários instituídos atualmente, como é o caso do Prémio Camões, o Pessoa, o prémio José Saramago, entre outros, permitindo todos eles uma reflexão em torno da forma como estes prémios facilitam, por um lado, a carreira de jovens escritores (como no caso do prémio José Saramago) ou contribuem para a consolidação de escritores num espaço de lusofonia. Mas tendo a língua portuguesa como elemento unificador muitos destes ensaios ajudam-nos a perceber a circulação desta língua, e da sua literatura, no contexto colonial e pós-colonial em que se inscreve.

Portanto, é no confronto da literatura como instituição que, como é referido no texto final da autoria de Rui Miranda (pp. 197-200), os prémios literários se assumem como uma forma de poder e são eles próprios uma narrativa de poder. Por um lado, têm o poder de conferir valor literário e económico a determinados textos acima de outros; por outro, porque sempre transportam em si uma narrativa muito própria da valorização feita. Trazem uma narrativa que pode ir da exclusão à definição do campo em contextos coloniais e pós-coloniais, como

se poderá entender, por exemplo, pelos ensaios de Rita Chaves, com o título “Poder e Narrativa em texto/ contexto colonial e pós” (pp. 31-42) e de Ellen Sapega, “Camões e Pessoa: Dois Prémios Pós-Imperiais?” (pp. 25-30); uma narrativa que pode ir da propaganda política colonial (veja-se a este respeito o texto muito elucidativo de Sandra Sousa, com o título “Os Prémios Literários durante o Estado Novo: uma outra História?” [pp. 43-52]) a uma narrativa de poder económico, como fica bem demonstrado no ensaio de Rui Miranda, “As narrativas e o poder. Do ‘Portugal Telecom de Literatura Brasileira’ ao ‘Oceanos – Prémio de Literatura em Língua Portuguesa’” (pp. 197-212).

Torna-se necessário referir que, centrando-se o volume especialmente no universo dos prémios literários em língua portuguesa, não deixa de fazer incursões, que se poderão entender comparativas, em outros universos, nomeadamente: olhando um pouco para o Prémio Nobel, em dois textos que o perspetivavam a partir das literaturas de língua alemã e francesa, da autoria, respetivamente, de Gonçalo Vilas-Boas (pp. 95-104) e de Maria Eduarda Keating e Marie-Manuelle Silva (pp. 105-114); olhando também para questões de género e escrita no contexto muçulmano, através do texto de Habiba Chafai com o título “Arab Women Writers: A Constant

Struggle for Justice, Equality and Freedom” (pp. 115-126); olhando, ainda, para a forma como a tradução literária é ela própria influenciada pelos processos valorativos e comerciais dos prémios literários e a partir daí contribui também para a perpetuação da canonização iniciada pelos atos valorativos dos prémios, num texto de Margarida Vale de Gato com o título “A Tradução e a Sua Intérprete: Prémios Literários, Culturas e Narrativas de Poder” (pp. 127-146).

Embora não me tenha referido a cada um dos dezasseis ensaios que constituem este livro – que conta ainda com textos da autoria de Maria-Benedita Basto, Nazir Ahmed Can, Margarida Rendeiro, Raquel Baltazar e Rita Amorim, Pedro Meneses, Luís Mourão e do escritor João Paulo Borges Coelho –, não posso deixar de elogiar o modo como todos se instituem como um precioso contributo para a temática que permeia esta coletânea de textos. Uma coletânea que pretende refletir de forma informada e muito útil sobre narrativas literárias, poder, cânone e o papel dos prémios literários como ponto de interseção de todas estas variantes. Trata-se de um livro em que todos os ensaios se encontram muito bem articulados, constituindo-se como um excelente contributo para a nossa reflexão sobre as Humanidades e a sua função nos dias de hoje, mas também e

conforme é dito no capítulo introdutório assinado pelas organizadoras do volume, “um justo tributo às Humanidades, à sua capacidade de resiliência fundamental em tempos sombrios e, naturalmente, legitimação do ‘Poder das Narrativas’” (p. 13).

Referências

- ATTRIDGE, Derek (2017). *The Singularity of Literature*. New York and London: Routledge.
- AUDEN, W. H. (2009). *Selected Poems*. Revised edition. Ed. Edward Mendelson. London: Faber and Faber.
- CALVINO, Italo (1989). Right and Wrong Political Uses of Literature. In *The Literature Machine: Essays* (pp. 89-100). trans. by Patrick Creagh. London: Picador.